

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

Um pouco de luz sobre Darwin, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Uma viagem a Lourds*, por Alexandre Gonçalves Rocha.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem macaco* (continuação), pelo P.º F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *A memoria de Agostinho Ferreira Barbosa, Reitor de Funzeres*, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz; *Frades vimaranenses illustres* (conclusão), pelo P.º Antonio Ferreira Caldas.—SECÇÃO CRITICA: *Exame critico de um mau livro*, pelo P.º Chrispim Cactano Ferreira Tavares; *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Sotaina*, por Benevenuto de Souza; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, versão do P.º Lima.—SECÇÃO PARA RIR, por S. F.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 50 DE ABRIL DE 1881

UM POUCO DE LUZ SOBRE DARWIN

O naturalista inglez, Carlos Darwin, embora tivesse tido, entre os sabios francezes (1), precursores de renome, pode e deve ser considerado como o verdadeiro pai do *transformismo*, por isso que foi elle quem o formulou de um modo systematico e completo.

Todos sabem que este novissimo systema, abonado actualmente no mundo dos sabios de certa estôfa, é uma das armas com que o pensamento livre busca solapar o derruir a doutrina catholica, que sustenta o dogma da creação do homem, tal qual nos é narrada por Moysés. D'aqui a conveniencia de conhecê-lo e refutal-o. A nossa revista já d'elle tem dicto quanto basta; nós vamos de preferencia remontar até ao seu auctor, fazendo sobre Darwin, como escriptor, um pequeno estudo biographico.

Quem é Carlos Darwin? Que juizo formar sobre a sinceridade das suas opiniões e sobre o alcance d'ellas?

Logo desde a publicação dos seus primeiros escriptos, isto é, logo desde a «Origem das especies» foi apodado de *impio* e de escriptor de má fé por alguns criticos da eschola allemã, ingleza e franceza. Com que fundamento? Ignoro-o. Por mim não posso subscrever a uma qualificação que se me antolha tão severa e tão pouco justa.

(1) Lamarck já antes de Darwin architectara uma theoria transformista, e mais transformista que a primitiva de Darwin.

Nada mais necessario que a placidez d'espírito na critica de uma theoria ou de um auctor, porque a paixão, qualquer que seja, desloca do fóco da verdade o entendimento que a investiga. Parece-me haver em Darwin *dois homens bem distinctos*, o que escreveu a «Origem das especies», e o que escreveu a «Descendencia do homem» (*The descent of man*). Até á aparição do primeiro livro o auctor mostra-se um, a partir do segundo mostra-se outro bem diverso. Pode ser que o seu espirito guardasse no segredo da prudencia uma doutrina que fóra sempre a sua, mas que não ousou patentear senão ultimamente. Eu, todavia, é que não posso julgal-o pelo que pensava, senão pelo que disse. A existencia do homem é cheia de adversativas, e a ser-se logico nunca seria possivel traçar-lhe a biographia.

Passa por certo que o naturalista inglez principiou os seus estudos biologicos, sem preocupação alguma de dar á luz os resultados obtidos, nem do applauso que lhe poderiam acarear perante a opinião publica.

Estudava para saber e nada mais.

Ao publicar o seu primeiro livro admirou-se do enthusiasmo que o acolheu. Na «Origem das especies» limita-se a elevar á altura de um systema, pela conscienciosa perseverança das suas locubrações, uma idea scientifica accoitavel *secundum quid*. Concebeu certo complexo de leis, a da—selecção natural — a da — concorrência vital — a da — correlação de crescimento — a da — selecção sexual, complexos, digo, que testemunha os esforços collossaes de uma intelligencia desejosa de abandonar o terreno balôfo da hypothese e baixar da região inacces-

sivel do dogma para entrar no dominio dos factos positivos e dar a si proprio uma explicação racional sobre o desenvolvimento progressivo dos seres na sua aparição na terra. Se o conseguiu ou não, se do conjuncto das suas induções se pode deduzir um principio geral que tenha todos os fóros de uma theoria demonstrativa, absteimo-nos de o discutir aqui, porque aberrariamos do elencho que nos propuzemos; porem que lhe era licito a Darwin tentar essa explicação scientifica parece-nos fóra de controversia. A Biblia sagrada revela-nos o acto creator renovando-se em cada ciclo do hexameron para a completa formação d'este formoso cosmos cuja contemplação nos enleva, mas não nos declara se Deus creou *imediatamente* cada uma das secções da criação ou se as chamou á vida por meio de certas leis evolutivas *in acto*. Essas leis poderiam ser talvez as aventadas pelo naturalista de Shrewsbury. Cajetano, um dos grades sabios que tem tido a Igreja, recommenda-nos o maximo cuidado e prudencia, todas as vezes que tenhamos de pôr a Biblia em contradicção com os dados da sciencia. (1) O que, todavia, não é menos certo é que o systema darwinista prestava-se algum tanto a consequencias exageradas e pouco seguras. Não as tirou Darwin, não as previu talvez, não suppunha que lh'as tirassem, mas tiraram-n'as logo alguns sabios francezes e allemães, soffregos de descobrirem novos continentes,

(1) «... rogo ne præcipites aliquid de-
testantur. Et si aliquando non sensus
ocurrerit textui consonus, nec a sacra Scriptura
nec ab Ecclesie doctrina dissonus, quamvis
a torrente Doctorum alienus, aquos se
prebeant censores.»

(Caj. Comment. in Genes.)

embora tomassem nuvens por terra sólida. Assim, não vacillaram em estabelecer por scientificamente descoberta a autogénese do homem e a sua procedencia bestial, baseando na prolongação elastica dos principios do evolucionismo darwiniano.

Deverá o naturalista inglez ser responsavel por estes devaneios de uma semi-ciencia, que sobre theorias accitaveis nos limites em que se collocam architecta um edificio phantastico, ou um verdadeiro romance genealogico?

Entendo que não, mas foi o que se deu.

Atribuiram ao mestre as aberrações dos falsos discipulos, alcunharam-n'o de materialista, de atheu. Para avançar tal é necessario não ter lido a «Origem das especies». N'esto livro admite elle expressamente «a acção do CREADOR, dando desde a aurora da vida, ao primeiro typo creado a força ascensional que devia produzir todas as especies.» São palavras suas. Esta profissão de fé não é de um atheu. Quatrefages afirma que «a creença que attribue ao sabio inglez a opinião lamarkiana, a saber, que o macaco é nosso avoengo, é inteiramente erronea,» e o abbade Reuch, na segunda edição do seu curiosissimo livro—«A Biblia e a natureza»—declara que se não associa ás queixas dos que profligam a hypothese do auctor da «Origem das especies» como um novo tentamen para armar, por meio das sciencias naturaes, a auctoridade da Biblia.»

Porem, mal a hypothese de Darwin foi applicada á especie humana pelos intrusos do transformismo, tomou mais corpo, adquiriu maior gravidade, e produziu verdadeira celeuma no mundo scientifico. Era isso natural. Toda a theoria que interessa qualquer dos problemas da humanidade reveste logo uma importancia que não tinha, enquanto pairava nas altas regiões da especulação ou se conservava na esphera do insubjectivo.

Bem longe estava o naturalista inglez de o presumir. Dotado de um character frio, afeito por longos annos á vida privada, conscio da despretenção com que tinha sido escripto o seu livro, em que a espaços e até a miude parece estar a fallar consigo mesmo, estranhou a popularidade que dentro em pouco conquistou a sua obra scientifica. Protestou contra as interpretações torcidas que se começava a dar-lhe e voltou á vida privada, para recommençar novos estudos.

Até aqui a historia da «Origem das especies». Antes de compagnar esta parte da evolução litteraria de Darwin com os seus trabalhos subsequentes, uma curta reflexão.

Do mesmo modo que quanto mais se

estuda a religião mais prudencia se tem ou se deve ter em apolar de impios os escriptos pouco reflectidos de homens que, no dizer de De Maistre, tergiversaram no caminho da verdade sem sair d'elle, do mesmo modo quanto mais se estuda a sciencia mais circumspecção deve haver em denunciá-la como hostil n'alguma das suas theorias ás doutrinas da Igreja. Os intolerantes que condemnam a vulto, são os ignorantes, em quem a audacia e o zelo precipite costumam correr parellhas. Estude-se antes de condemnar, para se não condemnar o que depois se tem vergonhosamente de admitir por demonstrado, e para não exasperar ou azedar os animos de homens, que não eram infensos á Igreja, e a quem o amor proprio irritado converte ás vezes em transfugas da verdade. Galileo foi perseguido em Pisa por uns nescios que alcunharam de falsas as suas ideas sobre physica (!), Copernico não se atreveu até á hora da morte a publicar o seu admiravel livro—«De revolutionibus orbium», arreccando-se de que o taxassem de heretico, como succedeu mal foi dado á luz publica. Denunciaram-o os theologos protestantes, ao passo que Paulo III o recebia benignamente. Qualificou-se, a meia voz, de suspeita a theoria da pluralidade dos mundos habitados, como se fora uma heresia e não uma hypothese perfeitamente admissivel e immensamente digna de Deus, no sentir de sabios como Leibniz, De Maistre, Augusto Nicolau, padre Felix etc. Tem-se profligado por erronea e até heterodoxa a theoria da existencia do mundo alem de quatro mil annos precisos, como se Moysés datasse outra epocha inicial que não fosse a que é assignalada pela presença do primeiro homem sobre a terra.

De todos estes factos se infere a consequencia de que monta haver maximo cuidado em pronunciar juizos menos scientificos sobre doutrinas que, depois de demonstradas, reflectem um completo descredito, não por certo sobre a Igreja, mas sobre os seus desasados propugnadores e sobre a causa catholica.

Os simiamistas francezes, inglezes e allemães não podiam perdoar a Darwin a affirmação da sua creença n'um Creador, razão de ser do Universo e das suas leis. Menos ainda lhe perdoavam que não applicasse ao homem a sua theoria evolucionista. Queriam por força ter um editor responsavel no fundador do darwinismo e faltava-lhe. Queixa-

(!) E' claro que não me refiro aqui á theoria do movimento da terra, que Galileo pretendia harmonisar com a Biblia, e por cuja pretensão mereceu a sua theoria ser reprovada pela Igreja, enquanto, bem entendido, a queria embutir por biblica.

vam-se desabridamente a elle mesmo da sua abstenção; insinuaram que não era sincero e que, se inscrevia a palavra de Deus no seu livro era para não alienar as boas graças de uma certa opinião publica, porem que semelhante proceder tirava toda a originalidade ao seu systema.

Via-se portanto Darwin entre dois fogos, entre os que o não achavam assaz scientifico e os que o achavam scientifico demais... entre os orthodoxos que o adjectivavam de atheu e os atheus que o adjectivavam de orthodoxo. E tanto disseram estes, tanto lhe martellaram na corda sensivel do amor proprio que afinal Darwin abaixou a cabeça, collocou os seus fóros de sabio acima de tudo e para conservá-los, a phrase incidente que dizia na primeira edição da «Origem das especies» que o typo primitivo recebera a vida do Creador, essa phrase, digo, foi... apagada na segunda edição. Quasi pelo mesmo tempo appareceu a «Origem do homem», onde esta entronca, segundo a genealogia de Darwin, no grupo catarrhino ou simiano do antigo mundo. Não é ainda isto o atheismo affirmado formalmente, mas é uma base posta para elle pelo celebre escriptor que poucos annos antes merecera de Quatrefages estas palavras: a «maneira porque o simianismo encara a questão evolucionista da origem do homem é incompativel com a doutrina de Darwin.» Tal o ascendente do orgulho susceptibilizado nos homens em quem as creenças não lançaram raizes profundas nem tem para soffreal-o o antidoto da humildade christã.

Caza do Outeiro, Marco de Canavezes.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º 11)

E por tal arte se constituíram e polliciam as nações; com a seiva christã se formou o direito novo e se amaciaram os costumes e floresceram as sciencias, as lettras e as artes; assim germinaram e se robusteceram esses grandiosos genios, que sonharam ou descobriram novos mares e continentes novos; essas admiraveis phalanges de heroicos obreiros religiosos, que implantaram a cruz nos mundos descobertos, alumando os entendimentos entenebrecidos de seus habitantes.

Foi então que começaram de cumprir-se as antigas prophecias ácerca do vasto imperio de Christo e de sua doutrina:

Dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum (1).

Logo depois surgiram os cantores inspirados, os historiadores conscienciosos e correctos, os mestres da lingua, os oradores eloquentes, os architectos sublimes para levantarem epopeias grandiosas, que fossem pregão sonoro de tantas e tão esplendidas glorias.

Mas como é possível admirar as obras monumentaes d'estes genios e os factos portentosos que lhes serviram de assumpto, sem um sentimento vivo de affecto e gratidão á celeste doutrina que de tudo foi origem, estímulo e auxilio?!

Quem foram os ousados navegadores, os capitães valorosos, os monarchas justiceiros e paternaes, os ministros previdentes e sagazes, os antiquarios eruditos, os poetas inspirados, os artistas sublimes, os mercadores conscienciosos senão fidelissimos e fervorossimos christãos, crentes sinceros e convictos, que bebiam a inspiração, os alentos, a coragem indomavel nas fontes puras e regeneradoras da religião christã? Oh! a fé é capaz de transportar montanhas e em suas azas remonta-se o homem ás maiores alturas do céo, dominando assim o mundo todo! Sem ella debalde se ha de procurar a sublimidade do pensamento, a largueza de vistas, as ousadias do heroismo. Nutrir duvidas sobre este ponto é desconhecer o coração humano, falsear toda a historia e desnaturalizar todos os factos, que são incontroversos, evidentes.

Porém tal é já o odio ao passado christão, tal a antipathia pela Igreja, que preponderou n'esses seculos em todas as instituições, nascidas e acalentadas em seu seio, que este nosso seculo para tudo isso tem só despresos, ironias, juizos tão severos, quanto erroneos. E verdade. Se algum vulto irrompe gigante dos tempos d'outra ora ha de atirar-se-lhe ao rosto com algum epitheto ignominioso, e, quando não seja outro, ao menos com o de impiedade ou de hypocrisia e fanatismo. Se alguma obra monumental permanece de pé, resistindo á destruidora acção do tempo, ou ha de afeiçoar-se aos tempos d'hoje, ou cair em terra sob o camartello destruidor dos homens, que se presam de civilizados.

E' isto assim, porque, no juizo de certos criticos, hoje mui bastos, a crença em Deus, na vida futura, na immortalidade da alma, nas verdades do evangelho não pôde abrigar-se em um espirito superior, pois que é patrimonio só das almas vulgares. E' a resurreição do paganismo com todo o triste cortejo de suas doutrinas desoladoras e estereis; mas de um paganismo eivado já do ter-

rivel scepticismo philosophico, que é a morte das almas.

Vão rareando visivelmente as dedicações sublimes, os actos heroicos, os genios superiores. Amortece o generoso patriotismo, sem por isso se alargar o amor da humanidade, e os povos e as nações parecem declinar a passos rapidos para a sua ruina *Inclinata sunt regna, mota est terra*. (1) As ideias falsas e pervertidas corrompendo os espiritos, vão affectar os corações, e das almas corrompidas se exhala tão sómente o veneno mortifero. A atmospheria social está impregnada de terriveis miasmas. Apagam-se as mais claras noções da verdade e da justiça, que é o seu reflexo, sendo já sem pudor encomiado o vicio e escarneçada a virtude; applaude-se a oppressão e persegue-se affrontosamente a innocencia.

O sacerdocio da educação converte-se em mercancia, a tribuna da imprensa em pelourinho de necedades e torpezas, a cadeira do magisterio em tripode de impiedade blasphema e nem o sanctuario das leis nem o arceopago da justiça são de todo isemptos do halito empestado das novas ideias.

Prouvera a Deus que este sombrio esboço da nossa idade fosse tão sómente um sonho imaginario de chimericos temores.

Mas não, infelizmente, pois bem real e cruel é a epidemia que nos opprime e afflige visível e sensível em extremos discursos e escriptos, nos actos e decretos de todos os dias e de todos os povos.

O especialisar seria por demais longo e fastidioso, como tambem desnecessario. Basta apenas dizer que o espirito de rebellião, insuflado por Satanaz no coração do homem, vem desde ha tres seculos alastrando-se no seio das gerações, e communicando-se do individuo á familia e d'esta á sociedade, como as chammas devoradoras de um incendio medonho.

E porque não pôde subsistir a sociedade sem a familia nem esta sem a moralidade, como dissemos já ao principiar esta exhortação, é facil concluir quanto importa sustentar os principios religiosos no seio da familia.

Onde se encontra, pois, a constituição verdadeira e solida da sociedade? Só no matrimonio christão.

E qual é actualmente o verme roedor d'esta instituição?

E' o chamado—*Casamento civil*.

E qual foi a origem d'esta forma de matrimonio?

A revolta do heresiarca Luthero favoreada mais tarde pela incredulidade do ultimo seculo e pelo communismo e socialismo do seculo actual.

Os principios dissolventes de todos esses erros e systemas conseguiram introduzir-se nas sciencias moraes e politicas e d'ahi passaram aos codigos legislativos que regem as nações modernas.

O que seja, pois, o *casamento civil*, ante a doutrina catholica e a philosophia, quaes suas funestas consequencias na familia e na sociedade, vellemos agora.

Ninguem ignora a verdadeira origem do matrimonio, diz o Sancto Padre Leão XIII, gloriosamente reinante. Posto que os detractores da fé christã se furtem a reconhecer a doutrina da Igreja sobre este ponto e contendam por delir a tradição de todos os povos e de todos os seculos jámais conseguiram apagar a luz da verdade ou extinguir-lhe a força. Recordamos, pois, o que de todos é sabido e para ninguem duvidoso: tendo Deus no sexto dia da criação formado o homem do limo da terra e insuflado em sua face o sopro da vida, quiz dar-lhe uma companheira que miraculosamente tirou do lado do mesmo homem em quanto elle dormia.

Quiz por tal forma o providentissimo Deus que este par fosse o principio natural de todos os homens, origem de sua propagação e conservação em todos os tempos. E para que esta união melhor correspondesse aos sapientissimos designios de Deus lhe imprimiu desde logo duas propriedades, bem salientes e nobres entre todas as outras, a saber a *unidade* e a *perpetuidade*. E' isto mesmo que vemos mui claramente manifestado e confirmado no Evangelho por divina auctoridade de Jesus Christo, quando affirmou aos Judeus e aos Apostolos que o matrimonio por sua propria natureza só podia effectuar-se entre dois, isto é, entre um só homem e uma só mulher; que os dois devem constituir una só carne, e que o vinculo nupcial por vontade de Deus era tão intima e poderosamente apertado que não podia ser dissolvido por qualquer homem, quem quer que elle fosse *Adhaerabit (homo) uxori suae et erunt duo in carne una. Itaque jam non sunt duo sed una caro. Quod ergo Deus conjunxit homo non saparet*. (1)

Aqui está por tanto manifesta a interferencia superior da divindade na organização e constituição da familia.

(Continúa).

UMA VIAGEM A LOURDS

Depois de ter atravessado o Oceano Atlantico, a Nação Fidelissima, o santo paiz de São Fernando penetrei, feliz-

(1) Encycl.—*Arcanum dic. sap. consilium. S. Math. 19, 5 e 6.*

(1) Psalm.—71-8.

(1) Psalm.—45-7.

mente, em Lourds, cidade bem dita entre todas as cidades do mundo.

Eram tres horas do sempre memoravel dia 25 de dezembro, em que a Egreja Mãe commemora o anniversario natalicio de Jesus, Homem-Deus.

Logo que os meus pés pizaram o solo francez, apressei-me, corri em direcção da abençoada grutta, que, desde 1858, tem sido theatro de milhares de factos sobrenaturaes cuja possibilidade este seculo racionalista não quer admitir.

Uma multidão crente rezava fervorosa, de mãos erguidas para o alto, o chapellet á Virgem Maria, Mãe de Jesus. Commovido cahi de joelhos, orando tambem. Vinte minutos depois, percorri, observei cuidadosamente, com os meus proprios olhos, este lugar simples, natural, outr'ora desconhecido dos homens, hoje convertido em sanctuario bem dito.

Que iman occulto, que attractivos mysteriosos ha n'esta rustica parte da natureza, perguntei a mim mesmo, que teem feito attrahir os crentes e os incredulos da França Christianissima, os catholicos, os franc-mações, os membros de todas as seitas da Europa, os povos d'Asia, d'África, d'Oceania, do Velho e Novo Mundo? Porventura ha aqui obras de marmores ou de granito, monumentos historicos, fazendo reviver a memoria dos feitos valorosos dos guerreiros invenciveis, dos grandes heroes, dos seculos passados cujos corpos, caindo ceifados pelo braço do anjo insaciavel da morte, jazem no pó dos tumulos até o tremendo dia iræ?

Acaso existem aqui, remontando ás nuvens, soberbos edificios semelhantes aos que os mortaes artifices teem feito reproduzir nas opulentas cidades do mundo? Sepultadas nas entranhas d'esta parte da terra estarão algumas minas d'ouro, de prata fina, de pedras ricas ou de quaesquer outras preciosidades, que os homens do globo buscam, com afan? N'este sitio isolado, ermo, encontrar-se-hão ricas tapeçarias, sedas finas, com que os ricos da terra ornã as suas luxuosas habitações? Não. Maravilhas do mundo, riquissimas reproduções do genio do homem não se encontram aqui.

Nas entranhas d'uma deserta rocha, rodeada d'algumas arvores infructiferas, existe uma rustica grutta, escutando attenta a branda corrente do rio Gave, que docemente serpenteia á sua direita.

Na parte superior, em forma de nicho, ha uma concavidade natural, guardada apenas d'uma rozeira brava e d'algumas ervas, que espontaneamente nascem do seio da natureza. Interiormente divisa-se uma branca imagem, representando a incontestavel apparição

de Maria Immaculada á innocente filha do pobre moleiro Soubirons. Diante d'esta linda imagem ardem constantemente dia e noite muitas tochas de grandes dimensões, numerosos cirios grandes e pequenos. Dentro da grutta, pendentes da rocha, está um numero quasi infinito de cadeiras, muletas, bengalas e outros instrumentos que a medecina aconselha aos que soffrem. Aos seus pés, na parte inferior da grutta, brota com intensidade uma nascente cuja agua, pelas suas propriedades, os chimicos mais afamados declararam natural. Eis, pois, com simplicidade, a rapida descripção d'este lugar rustico, sepultado na solidão dos Pyreneos.

A Trindade Una, para quem tudo é presente, prevendo a incredulidade, os perigos do seculo dezenove, nos seus impenetraveis juizos, resolveu mais uma vez mostrar á humanidade ingrata que só a Ella é devida honra e gloria como Eterno Creador do ceu e da terra, como supremo dominador do universo. Para isso, no anno da graça de 1858, enviou á grutta de Lourds Sua Santissima Filha, como no anno 4000, para resgatar a humanidade da escravidão do peccado, fez nascer na grutta de Bethelém o seu Filho Santissimo. Mas, que local preparou Jesus para servir de habitação á Sua Augusta Mãe, cheia de graça, revestida de poder immenso, radiante de gloria, vestida do sol, calçada da lua, coroada de estrellas? Que creatura, n'este mundo de miserias, escolheu o Espirito Santo para fallar á Sua Esposa de quem Elle disse: «Tu és toda bella, oh minha amada, em ti não ha mancha! E's mais innocente que a flôr dos campos, mais pura que o lirio dos valles; o teu olhar mais doce que o da pomba, os teus labios mais deliciosos que o mel, e o perfume que exhalas da tua alma mais suave que o mais puro incenso»?

Enviaria Deus, ao centro das populosas cidades, as legiões d'anjos, que, no Impyreo, formam o choro da Rainha Celestial para lhe prepararem uma habitação nos luxuosos palacios dos soberbos do mundo, dos poderosos monarchas que, com leis despoticas, opprimem os povos, perseguem os seus enviados? A Pureza Infinita escolheria no meio da corrupção do seculo alguma imperatriz, rainha, princeza ou dama luxuosa, cuja vida tivesse sido passada a cuidar das vaidades da terra, a que o mundo chama felicidade?

A Immaculada Conceição manifestar-se-ia no seio das familias, onde o jornal impio, o romance immoral, a indifferença do seculo perturbam, põem em perigo as consciencias mais innocentes? Tambem não.

N'um deserto rochedo, longe do bulicio do mundo, onde as almas justas pas-

sam a vida na contemplação das grandezas celestiaes, a Mãe de Jesus e dos peccadores appareceu a uma ignorante pastora, pobre dos bens do mundo, porém rica de pureza e de candura, perolâs preciosas aos olhos de Deus.

Que lhe disse esta Mãe misericordiosa? Além de segredos, que a serva de Deus nunca revelou, e d'outras palavras sanctas em colloquios divinos, a Immaculada Conceição, na pessoa de Bernardette, fallou assim a todos os peccadores, enfermos d'alma e corpo: «Lava-te e bebe na fonte».

E desde este glorioso dia, 23 de fevereiro, na fonte, que no fundo da grutta milagrosamente appareceu, quando á voz poderosa de Maria Santissima, Bernardette cavou a arida terra, teem vindo beber e banhar-se, ainda das mais longinquas partes do mundo, homens grandes e pequenos, pobres e ricos, velhos e crianças, de todas as classes e condições.

Porque razão, dos ultimos confins do globo, expondo-se a grandes perigos, soffrendo graves incommodos de viagem, dispendendo grandes sommas, para fazer transportar-se a este cantinho da França, vêm os homens lavar-se e beber d'esta agua natural, possuindo em suas vastas propriedades nascentes frescas e cristalinas aguas? Será porque as nuvens já não liehem no Oceano, as fontes se seccaram na terra, os rios deixaram de correr? Não.

Deus pode alterar as leis da natureza quando muito bem lhe agradar, sem permissão dos sabios do seculo, porém, os rios continuaram o seu curso, as nascentes ainda brotam dos rochedos, as nuvens povoam o espaço, sugando no mar a agua com que fertilisam a terra.

Livres pensadores, philosophos consummados que nas universidades embutis no espirito da mocidade a falsa crença de «que o homem é o creador de Deus e Deus não é o Creador do homem: que o rei da criação descende do macaco, e que tem por pae o orangotango»; reis da terra, representantes das nações, que, ditando leis aos povos, pretendeis escravisar a Egreja, porque vos préga a moralidade; vós todos que blasphemaeis de Deus e de Sua Mãe Virgem, dizei a razão porque este elemento material, o mais commum entre as necessidades dos filhos de Adão, contém mysterios, obra prodigios que só a Deus é permitido. Banhando-se, os cegos veem, os mudos fallam, os surdos ouvem, os paraliticos andam e aos moribundos diz: «toma o teu leito e anda». Cura repentinamente as chagas mais nojentas, as enfermidades mais exquisitas ás quaes a medecina não pode dar remedio.

A agua de Lourds, que quotidianamente a imprensa devassa, o theatro, o

club, o hotequim, o passeio publico ridicularisam, não se limita simplesmente a fazer desaparecer as fétidas doenças do corpo humano, que São Bernardo, com justa razão, chama um sacco de estercor, comido dos vermes. Lava tambem a lepra d'alma. Centenas de pedreiros livres, de protestantes e outros mais incredulos do que vós, tem caído como fulminados aos pés do ministro do Altissimo, abjurando os seus erros, implorando o perdão dos seus crimes.

Quereis provas? Interrogaes os milhares de enfermos curados milagrosamente e os novos conversos, espalhados pelo globo.

Não podeis fallar-lhes? Vinde a Lourds, estudaes conscienciosamente os factos que alli se passam, principalmente no verão, epocha das peregrinações. Pendentes do alto da rocha virão os nossos olhos centenas de muletas, que, depois de curados deixaram alli os doentes, as quaes são outras tantas espadas penetrantes para atravessarem as muralhas de cantaria dos corações dos incredulos d'este seculo altivo.

Mostrando às gerações que a Igreja de Deus, fundada ha dezenove seculos por Jesus Christo na pessoa de Pedro, resistirá impavida até á consummação dos seculos ás perseguições dos homens, vereis construido, sobre uma rocha inabalavel, um vasto templo cujo tecto, cujas paredes, cujos altares estão todos ornados de 500 riquissimos estandardes, de mais de oito mil preciosas offerlas, que os catholicos, os protestantes, os judeus, os mahometanos, os franc-mações, em signal de gratidão, vieram depor aos pés d' Aquelle Ser Divino, que, na grutta de Lourds, para confirmar a decisão do Oraculo infallivel da Igreja, disse a uma humilde pastora: «Je suis l'Immaculée Conception.»

Lourds, 23 de março de 1881.

ALEXANDRE GONÇALVES ROCHA.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Gregos e troianos concordam em que o homem é o ser mais perfeito da serie animal.

Darwin explica este posto elevado como devido á selecção natural na luta para a existencia.

Todavia se quizessemos provar a inconsequencia d'este elastico principio, fundamento das theorias transformistas, bastaria lembrar que o homem é menos forte para a luta e menos veloz para a corrida do que alguns animaes; que tem a vista menos penetrante, o ouvido

menos apurado e o olfacto menos fino; que a pelle nem lhe serve de vestido nem de defeza; e que os dentes e as unhas de nada lhe prestam para o ataque.

Isto mesmo vem mostrar claramente que, apesar das excellencias e differenças do nosso organismo, é fóra da natureza tangivel e visivel que devemos procurar as características, que fazem da especie humana um reino completamente á parte na criação.

Vamos, pois, envidar os nossos esforços n'este sentido; porque se demonstrarmos que o homem differe essencialmente dos animaes, tambem teremos demonstrado que entre estes o aquelle não existe evolução possivel, estribados no aphorismo de senso commun *nemo dat quod non habet*.

Geoffroy Saint-Hilaire viu nas faculdades do espirito o melhor caracteristico da especie humana: «A planta vive: o animal vive e sente; o homem vive, sente e pensa.»

O que Pascal exprimiu d'um modo ainda mais energico: «*Si l'homme est un roseau le plus faible de la nature il est un roseau pensant.*»

Alguns *sabios*, porém, compadecidos de seus remotos antepassados, pózeram hombros á obra *altamente civilisadora* de levantar e rehabilitar aos animaes (*quibus non est intellectus*, como diz a Escriptura) dotando-os de todas as faculdades fundamentaes do homem.

«Querem a todo o preço, como já então dizia Bossuet dos *sabios* do seu tempo, que os animaes raciocinem: parecem affincados em elevar os animaes até elles para lhes assiatir o direito de se abaixarem até aos animaes.»

Segundo estes campeões de tão nobre causa, o homem deve contentar-se com exercer o primado intellectual sobre toda a escala zoologica.

E assim não devemos definir—o homem é um animal racional—mas sim—o homem é um animal mais racional que os outros.

Mas antes de entrarmos no vivo d'esta difficil e delicada questão, vejamos o que de barato se pode conceder aos animaes sem quebra das prerogativas, que fazem o apanagio do rei da criação.

As mesmas sensações, o prazer, a tristeza, o temor, o presentimento do perigo, são communs ao homem e ao animal.

A memoria d'um mammifero, d'uma ave e até d'um insecto chega a causar-nos admiração.

E a um poeta vinha logo á mente o celebre cão, que reconheceu, primeiro do que Penelope, a Ulysses.

Os macacos e os papagaios revelam a maior queda para a imitação.

O cavallo ajaezado trota mais altivo.

A mula que não quer andar e o camelo que se oppõe á carga conhecem a obstinação.

O odio leva os animaes á vingança, algumas vezes differida por muito tempo.

Certas especies mostram uma aptidão singular para receberem educação.

O macaco domesticado come a sopa com uma colher, quebra as nozes com um martello, fuma o seu cachimbo e bebe o seu copo de vinho.

Passando em Guimarães, por occasião da feira de S. Gualter, vi um macaco (ou macaca, salvo o erro) que á voz do seu *committente* fazia varios exercicios que não deixavam de maravilhar.

Tirava do polvarinho a carga, lançava-a na bocca da arma, carregava a bucha com a vareta, punha-lhe o fulminante e depois fazia varias manobras, como —hombro arma—lescancar—preparar para atirar—e á voz de fogo... pum.

Seja todavia dito em abono da verdade, que a besta mostrava a maior irreflexão e inconsciencia, olhando sempre para um e outro lado e nunca para o que estava fazendo.

Os cavallos d'um regimento de cavallaria conhecem os diferentes toques.

As aves de emigração, reunindo-se em certas epochas do anno, para emprenderem as suas longinquas viagens, e os lobos da America do Norte associando-se para a caça do gamo e do bisão, conhecem d'algum modo a sociabilidade.

Na ave que constroe um ninho, na abelha que fabrica os seus maravilhosos alveolos e no castor que eleva um dique, não se revela uma certa intelligencia, já proferindo os materiaes mais proprios e escolhendo o lugar mais acomodado, já remediando qualquer accidente ou variando a forma habitual, se a disposição dos lugares o exige?

Rengger conta que os macacos, de que estudava os costumes, tendo-se uma vez ferido com instrumentos cortantes, não quizeram mais tocá-los, ou se o faziam era com muitas precauções.

Broca lembrou-se um dia collocar uma macaca deante d'um espelho. A mona ao contemplar o seu semelhante tentou abraçá-lo e acariciá-lo; o seu espanto, porem, foi grande ao encontrar só o vidro. Corre então para detraz do espelho e não encontra cousa alguma, volta ao seu primeiro lugar e revê a sua imagem.

Parecendo concluir que o macaco se lhe escapulia quando o buscava, agachou-se mansamente e procurou surpreender o fugitivo.

Os naturalistas e alguns positivistas querem vêr n'estes exemplos, e n'uma infinidade de outros que se podem lêr em Darwin, Lubbock e Brehm, o juizo,

a vontade, o raciocínio, a reflexão, a memória, a associação de ideias e a percepção.

«Consinto, diz sobre este mesmo assumpto Moigno, mas haveis de concordar o que é mais claro que o dia, que no animal estas faculdades se exercem exclusivamente na esphera da sensibilidade e da sensação, e nunca na esphera da intelligencia e da abstracção, dominio essencial da alma humana; que existe entre o homem intelligente e a besta sensível um mundo a salvar; que das sensações do animal á razão do homem ha mais distancia do que da terra ao ceo.»

E confirma isto com uma citação do P. Barruel.

Como vós, diz este referindo-se aos materialistas, tambem admiro no animal sensível, a ternura, a vigilancia, a sollicitude do amor paternal; mas vejo-o esquecer de que é pai, logo que o instincto, dado pela natureza para a conservação da especie, não tem mais motivos para assim obrar; ao passo que no homem vejo o sentimento da posteridade fortificar-se de geração em geração e os anciãos apertarem ao coração os filhos de seus filhos.

Vejo, como vós, o animal tremer deante do seu senhor, vejo-o confuso e triste pelas faltas que comette; mas tambem vejo a vara que elle tem.

O principio da sua aflicção descubro-o no pão que recebe.

Dizeis que o animal é fiel, e reconheço; que vos defende contra vossos inimigos em razão dos beneficios que de vós recebeu.

Mas quaes são esses beneficios? Comer á farta, dar-lhe abrigo e defendel-o do animal mais forte.

E' tudo materia nos vossos beneficios e assim tudo é lama nos motivos do seu amor, da sua fidelidade, do seu reconhecimento.

O animal é livre em tomar esta ou aquella direcção, discorre escolhendo, e pode não querer ouvir a voz que o chama; quando vos obedece obra e move-se consequentemente ao que vê de peor ou de melhor. Mas quaes são os objectos sobre que a sua razão e a sua liberdade se exercem?

Foge á prisão que lhe destinaes e quebra as cadeias para respirar um ar mais puro e mais livre que o reanime, para exercitar os seus membros entorpecidos.

E os seus raciocínios até onde vão? Se é mais fraco, não se lança ao mais forte; se se conhece mais forte devorará o mais fraco; empregará a astucia e o ardil para o apanhar.

Ao instincto da natureza ajuntará a luz de vossas lições: o que prevê será seguido de castigo, o evitará, ou fallará a occultas.

Não é n'esta escolha de meios que vós collocaes a razão e a liberdade do animal? Mas um louco faz tudo isto! O ponto em que o animal vos parece perfeito, ainda não é o ponto em que o homem começa... E' pois um facto incontestavel, conclue o P. Barruel, que a intelligencia do animal está totalmente circumscripta na esphera da sensibilidade.

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

Secção Historica

À MEMORIA

DE

AGOSTINHO FERREIRA BARBOSA

REITOR DE FANZERES

Se não parece bem tecer elogios aos heroes do seculo durante a sua vida, enquanto brilham publicamente na scena do mundo, muito menos será justo encomiar os heroes da religião, os homens de excelsas virtudes, aquelles cujo dote mais singular e precioso é a modestia, e cujo merecimento, se fundado na sua humildade a que são contrarios os elogios.

Já um poeta latino tinha dito, ainda que a outro respeito, que não convinha mencionar os vivos no catalogo dos homens illustres, para evitar a inveja ou a lisenja.

Como quer que seja, já não podem haver taes perigos e receios a respeito d'aquelles que transpuzeram o limiar da eternidade. E, se é conveniente exaltar, tornando publicas, as acções magnanimas e gloriosas dos heroes do seculo, com maior razão devemos apreçoar os que passaram na terra uma vida purificada pela religião, pela penitencia e pelo sacrificio, e que deram um exemplo salutar de todas as virtudes.

Vamos, pois, traçar em breves linhas a biographia d'um varão apostolico, veneravel parochio, que no presente seculo illustrou a casa de Deus e edificou os povos confiados á sua vigilancia pastoral: é Agostinho Ferreira Barbosa, reitor da freguezia de S. Salvador de Fanzeres, na diocese do Porto, fallecido em 20 de dezembro de 1862.

Dezoito annos são decorridos desde que o Senhor o chamou ao reino da Gloria, e já é tempo de commemorar o seu nome, nome abençoado que a historia deve archivar, porque vive aureolado com o radioso brilho da virtude heroica.

Convida-me a amizade e gratidão a dizer duas palavras sobre a campa

d'esto *santo* parochio que viveu desconhecido para muita gente, mas cujas virtudes eximias eram notorias a todos os que o conheciam.

D. Jeronymo José da Costa Rebello, bispo do Porto, dizia muitas vezes d'elle: «O reitor de Fanzeres, Agostinho Ferreira Barbosa, é a flor do clero da minha diocese.»

A santa memoria, que este varão apostolico deixou de si, vale por todos os thesouros da terra; e eu, que tive a fortuna de ser seu discipulo no estudo da grammatica latina, não me soffre o animo vêr morrer na obscuridade d'uma freguezia rural o homem cuja vida foi o complexo de austeras virtudes, sem que exalte o seu nome para que tenha imitadores.

Hoje sobretudo, n'este seculo tão avesso á religião e aos seus ministros, devemos annunciar os nomes e acções dos sacerdotes que digna e exemplarmente cumpriram a sua missão.

Acaso estará a impiedade tão culminante, que julguem os homens sem valor algum a obra do sacerdocio? E' certo, porem, que a vocação ao estado ecclesiastico, fallando geralmente, é um beneficio tão singular, que, depois da predestinação, é o maior de todos, e a poucos concedido.

Agostinho Ferreira Barbosa foi um padre completo, um exemplarissimo pastor, um varão doutissimo, sobresahindo em todas as virtudes christãs, especialmente no zelo religioso e na caridade.

Para o seculo actual que campeia de incredulidade, de cubiça e de avidez, é isto um mysterio que mal pôde comprehender.

Para os homens do interesse e do egoismo, homens que traficam nas virtudes, nos sentimentos e nas aflicções, que trocam crenças por crenças, principios por principios, que negociam com as lagrimas dos afflictos, com os ais do desgraçado, com o pranto e até com a desesperação do opprimido, tudo quanto é virtude é um mysterio que traz consigo um anathema...

Ainda assim o seculo não deixa de reconhecer as virtudes, e nós devemos apontar os que as possuiram em grau eminente, como Agostinho Ferreira Barbosa, reitor de Fanzeres.

Nasceu este inclyto varão na mesma freguezia que parochiou, em Fanzeres, no logar da *Felga*, distante do Porto 6 kilometros, ao Nordeste. Pertence esta freguezia á comarca ecclesiastica de Penafiel e ao concelho de Gondomar.

Teve por paes honrados e piedosos lavradores do mencionado logar da *Felga*, os quaes lhe deram a mais solida e christã educação, tradicional n'aquella familia. Da mesma participaram outros seus irmãos, entre elles um que tambem foi sacerdoté, hoje fallecido, e duas ir-

mães que ainda existem, respeitáveis senhoras d'aquella freguezia.

Não podemos saber com certeza o anno do seu nascimento; mas, pelos dados que possuímos, entendemos que foi por 1789.

Destinou-se á vida ecclesiastica para a qual teve uma irresistivel vocação, tomando o sacerdocio no anno de 1813. Em seguida passou a frequentar a universidade de Coimbra, cujos estudos não concluiu, pelos motivos que diremos.

Agostinho Ferreira Barbosa foi distincto estudante, applicando-se com zelo ás sciencias e sendo dotado de rara intelligencia; e d'este modo chegou a ser um homem sabio.

Havia quasi trinta annos que parochiava a igreja de Fanzeres o reitor Francisco de Campos Pirralho, o qual, sendo já de idade proecta e valetudinaria, resignou o beneficio no padre Agostinho Barbosa, nomeando-o seu coadjuctor e futuro successor em 1815.

Esta renuncia foi auctorisada e confirmada por Bulla do Santo Padre Pio VII, dada em Roma a 17 de junho de 1815. O padre Agostinho tomou posse da igreja de Fanzeres a 16 de janeiro do anno seguinte, depois de ser examinado synodalmente e collado perante o vigario capitular do Porto (*sede vacante*), o dr. Theodoro Pinto Coelho de Moura.

Por este motivo abandonou a Universidade, vindo pastorear o seu rebanho, ainda durante a vida do reitor resignatario Francisco Pirralho, que falleceu a 3 d'abril de 1832.

Quarenta e seis annos dirigiu Agostinho Barbosa os destinos espirituaes da freguezia de Fanzeres: foram quarenta e seis annos d'um verdadeiro apostolado; carreira brilhante em que mostrou a força do seu zelo, a grandeza do seu espirito e os lances da mais ardente caridade.

Não cabe nas palavras dizer as virtudes que praticou. Em todos os actos mostrava a sua piedade, em tudo o ardor do seu espirito.

O santo temor de Deus estava radicado no seu coração, a ponto que logo o denunciava em qualquer conversação. Fosse qual fosse o assumpto, a sua linguagem era sempre seria, grave e religiosa, porque o seu espirito estava sempre arrobado em Deus.

Celebrava o santo sacrificio da missa com inerivel devoção e affecto, meditando continuamente. No mesmo semblante se conhecia o fervor religioso.

Durante as festividades solemnes da Igreja, no tempo que no coro se cantava a *Gloria*, por mais extensa que fosse, estava de joelhos nos degraus do altar, em oração.

Possuiu em grau sublime as tres virtudes theologaes, fé, esperança e cari-

dade. D'esta ultima virtude poderíamos referir factos extraordinarios; basta dizermos que quasi todo o rendimento do seu beneficio era distribuido pelos pobres, e algumas vezes, indo visitar os enfermos, lhes deixava o seu capote para os agasalhar do frio.

Era tão humilde, que sua mãe (que nos ultimos annos da vida estava alienada) o espancava; elle se deixava apunhar, e ainda lhe pedia perdão! Nunca largou o vestido ecclesiastico.

Quando orava derramava lagrimas, e era eminente na mortificação. Muitas vezes dizia: «Os santos foram santos, porque fizeram penitencia, porque trabalharam muito para isso; devemos imital-os, so tambem o quizermos ser.» Elle dava o exemplo, porque a sua vida era a d'um justo.

Todos os domingos pela manhã, antes da missa, fazia na igreja oração mental, a que assistia o povo, e no fim tornava a fazer oração. A' estação da missa conventual fazia cathequese publica sobre o evangelho do dia, no que era admiravel.

Em reprehender o vicio e dirigir as almas, usava d'uma santa liberdade apostolica, sem alguma consideração, mas sempre com affabilidade.

Nomeado vigario da vara do seu districto em 1841, exerceu este cargo com summa rectidão e zelo, como todos os outros do seu ministerio.

Falleceu pianente, como já dissemos, a 20 de dezembro de 1862. No transitado prestito funebre de sua casa para a igreja, o povo apinhava-se pelos cauínhos, e, chorando a falta do seu pastor, dizia: «Era um santo que andava n'este mundo.»

Tal foi o veneravel parochio Agostinho Ferreira Barbosa, que lá jaz no cemiterio de Fanzeres, em um modesto mausoleu que lhe dedicou sua familia.

O seu nome é abençoado por aquellos povos, que o veneram como um homem santo, e visitam o seu tumulo como o do P.º Mestre fr. João Neiva em Braga.

Todos os annos, na igreja de Fanzeres, se celebra a solemnidade das 40 horas, por instituição d'este venerando pastor que deixou para isso um legado, a fim de desviar o povo dos divertimentos perigosos do carnaval.

Seja a sua memoria eterna.
P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

FRADES VIMARANENSES ILLUSTRES

(Conclusão)

=D. Possidonio d'Annuniação, no

seculo Possidonio José de Passos Leite, filho de Manoel de Passos Leite, e de Dionizia de Freitas, recebeu a graça do baptismo na igreja de Nossa Senhora d'Oliveira a 25 de Maio de 1713. Beneficiado na igreja parochial de S. Thiago em Coimbra frequentou a universidade por alguns annos, deixando mais tarde o seculo para vestir o habito cruzio no convento de Santa Cruz, onde entrara a 24 de Novembro de 1743. Antes de ser augustiniano fez imprimir um «Rosarium Mysticum, scilicet Rosarium Sandiosum, Rosarium Dolorosum, Rosarium Gloriosum»—*Coinbricæ*, 1742, 12.º E' um psalterio, dedicado aos conegos reformados, de quem mais tarde abraçara a vida religiosa.

=Frei Raphael de Jesus, monge beneditino, morreu no convento de S. Bento em Lisboa a 23 de Dezembro de 1681. Escreveu varios sermões, occupou-se d'assumptos historicos e compoz a *Setima parte da Monarchia Lusitana*, como chronista mór do reino. As suas obras foram severamente julgadas pelos criticos, que lhes apontam graves defeitos, mas—como diz Innocencio F. da Silva—é pelo menos certo que nos peccados de F. Raphael de Jesus incorrem hoje entre nós com maior gravidade, talvez, cortos escriptores, aos quaes nem por isso faltam apunhadus, e sequazes que timbrem d'imital-os. Escreveu mais o «Castriotico Lusitano» ou expulsão dos holandezes do Brazil.

P.º ANTONIO FERREIRA CALDAS.

Secção Critica

EXAME CRITICO DE UM MAU LIVRO

(Continuado do n.º 11)

D'aqui se vê que a alma e o corpo não são duas substancias completas, pois se o fossem a *substancia da alma racional não teria forma do corpo humano*, mas somente *motor*: que a união entre a alma e o corpo não é accidental nem ha vinculo que os una, pois se assim fosse não deslignaria o Concilio que «a substancia da alma racional ou intellectiva é a forma do corpo humano por si mesma e essencialmente: per se et essentialiter».

Os Padres do quinto Concilio ecumenico de Latráo condemnaram tambem como herejes os que negam que a alma intellectiva é *verdadeiramente, por si mesma e essencialmente a forma do corpo humano*. (1)

Ainda mais. Pio IX ao condemnar o erro gunthereano afirma que não se

(1) Ses. 8. Can. *Apostolici Regimini*.

pode negar, sem offensa da doutrina catholica, que o homem consta de alma e corpo de tal maneira que a alma racional é por si mesma verdadeira e immediata forma do corpo: Noscimus (diz Pio IX ao Arcebispo de Colonia) iisdem libris (a saber, as obras de Gunther) lædi catholicam sententiam ac doctrinam de homine, qui corpore et anima ita absolvatur, ut anima, eaque rationalis, sit vera, per se, atque immediata corporis forma. (1)

O mesmo Pio IX ao condemnar os erros de Baltzer, discipulo de Gunther, explica ainda mais a doutrina que fica exposta asseverando que a doutrina, que affirma no homem um unico principio vital, que é a alma racional, da qual o corpo recebe o movimento, o sentimento e a vida toda (vegetativa e sensitiva) está tão relacionada com a doutrina dogmatica da Igreja, que não pode negar-se sem erro na fé: Quod (refere-se ás asserções erroneas de Baltzer) non possumus non vehementer improbare, considerantes hanc sententiam, quæ unum in homine ponit vitæ principium, animam scilicet rationalem, a qua corpus quoque et motum et vitam omnem et sensum accipiat... cum Ecclesiæ dogmate ita videri conjunctam... ut non sine errore in fide possit negari. (2)

De tudo o que deixamos dito vê-se que o livro, de que fallamos, contém doutrina clara e manifestamente heretica e tanto deve bastar para que todos fujam da sua leitura.

Além dos erros que temos combatido contém o mencionado livro alguns outros que nos abtemos de rebater, por isso que ha outros em outros livros de não menos gravidade que desejamos refutar.

A doutrina que expuzemos n'este artigo procuramos resumil-a o mais que nos foi possivel, mas quem quizer estudar-a a fundo, pode consultar, além das obras de Santo Thomaz e de muitas outras de outros eminentissimos auctores, as seguintes=*id est composé l'humain*, par le R. P. M. Liberatore de la compagnie de Jesus: traduit de l'Italien par un Pere de la meme compagnie=*De l'union substantielle de l'ame et du corps*, par Henri Sauvé=*De l'unité substantielle de la nature humaine* d'après le R. P. Mazella, S. J.: ouvrage traduit librement du latin par M. l'Abbé Picherit=*De mente Concilii Vionensis in definiendo dogmate unionis animæ humanæ cum corpore*: auctore P. F. Thoma Maria Zigliara, ordinis Prædicatorum.

Procuramos ser conciso: quem quizer

(1) Litteræ apostolicæ ad Card. Goissel, Archiep. coloniensem, datæ anno 1857.

(2) Breve de 30 d'Abril de 1860.

possuir conhecimentos mais vastos do assumpto importantissimo de que nos occupamos n'este artigo, pode folhear as obras que ficam mencionadas: e quem tem obrigação de saber, precisa estudar.

Ainda não ha muito tempo que o Prelado Lisbonense teve de retirar a licença, que por falsos informes, dera para se publicar um livro, que não merecia tal licença. Estamos bem certo de que se o Em.º Cardeal-Bispo do Porto examinar por si mesmo o livro, de que nos temos occupado n'estes artigos, lhe retirará tambem a auctorisação, que por informe dos encarregados de examinal-o, concedera para que se publicasse.

Causa espanto vêr a ignorancia das sciencias ecclesiasticas que reina em alguns dos que mais obrigação teem de serem n'ella solidamente instruidos.

P.º Chrispim Cuetano Ferreira Tavares.

COISAS! COISAS!

No tratado de paz proposto ha pouco pelo Chili ao Peru entra esta clausula:—que a Bolivia deixará de existir como republica independente, sendo annexada em grande parte ao mesmo Chili! Isto além de 10 milhões de duros que tem de pagar pelos gastos da guerra o Peru.

E tinham-nos dito que o tempo das guerras de conquista havia passado; que era chegada a epocha da autonomia das nações!

O que a Imira é não ralharem os nossos republicanos do velho continente aos seus correligionarios politicos do novo mundo! Por que será?

Nada, nada! o que tem sido é o que está sendo e o que será: *nihil sub solo novum*, e «leixem-nos de tretas», como diz o *Desenganado*.

Achamos muito razoavel o seguinte artiguinho que acabamos de ler na *Cruz do Operario*, excellente jornal religioso seminario de Lisboa:

«No relatorio do sr. Castilho, governador de uma de nossas provincias africanas, declara-se francamente que «sem congregações religiosas não poderemos ter verdadeiros missionarios n'aquelles paizes»; e é isto uma verdade que se mette pelos olhos. Todavia alguns d'aquelles mesmos que dizem conosco: «E' verdade!», parece que tregiver-sam!...

Porque será? Andará por aqui a *geringonsa* dos tres pontinhos?

Ouçam:

«O governo inglez, menos exaltado e mais pratico do que outros, acaba de

conceder passagem para o Cabo a uma companhia de 27 Trappistas, entre os quaes ha pedreiros, canteiros, ferreiros, carpinteiros e mesmo typographos.

Tenciona o superior d'elles publicar no Cabo uma revista dos assumptos que interessem á ordem, e que appareça de tres em tres mezes.

A fundação de uma casa de Trappistas em *Dumbrody* pôde por esta fórma tornar-se um importante centro colonial para uma corporação que tem filiaes em todas as nacionalidades.

O islamismo vae entrando desassombradamente por Zanzibar e Moçambique, dilatando-se já até ao imperio do poderoso *Meteza*, nas margens do Lago Victoria.»

E' uma vergonha para a civilisação. Quem mais e melhor podia impedir a propagação do mahometismo em Africa, era Portugal; mas...

Veremos o que faz a *commissão das Missões*; e depois d'ella o governo. Ha pessimistas que nada esperam: nós esperamos os factos, para depois julgarmos.

«Reformar» o seminario de Sernache sem lhe dar a organisação e a Regra de uma congregação religiosa approvada pela Igreja (e para melhor, segundo todas as conveniencias de uma das que já exercem seus ministerios em Africa), parece-nos que é querer fundar um edificio sobre areia.

Além d'isso, a quererem-se «nacionalisar» como já se pediu na «Commissão», algumas missões estabelecidas em Africa por missionarios religiosos belgas, a'lemães, etc., seria de toda a justiça e urgencia estabelecer primeiro em Portugal a liberdade de associações religiosas canonicamente approvadas pela Santa Sé. D'outro modo a pretensão seria tão desarrasoada como ridicula; e a razão é evidente: os ditos missionarios não são patetas que se illudam com bonitas palavras contradictas pelas obras...

Em que ficaria a petição que fizeram os *Padres do Espirito Santo* para estabelecerem em S. Thomé uma escola-modelo de jovens pretos como a que teem no Gabão? Julgar-se-hão perigosos n'uma ilha os que o não são no continente, ou perigosos ensinando pretos os que são benemeritos ensinando brancos?

Lê-se na *Semana religiosa Bracarense* que n'este anno frequentam as aulas do *Collegio do Espirito Santo* 220 alumnos.—Deve notar-se que este collegio é um dos que relativamente dá maior n.º de approvados e distinctos nos exames dos lyceus, a ponto de ainda n'este anno merecer os parabens insuspeitissimos do sr. dr. Garcia, lente *positivista* da Universidade, que presidiu a uma meza de exames no lyceu de Braga.»

Segundo nos conta o *Monde*, os snrs. maçoens de Neufchateau tentaram enganar os catholicos francezes, recomendando-lhes por meio de jornaes catholicos cuja boa fé surprehenderam, certa fundação hospitaleira pertencente à seita, fazendo constar mentirosamente que havia de ter um capellão, etc. Mas o snr. Bispo de Saint Dié fez desmascarar os farçantes philantropicos, inimigos declarados da Egreja e dos padres, no seu órgão official a *Semaine Religieuse*. E' assim que procedem os bons pastores,—sentinellas vigilantes de Israel!

Como é sabido, o Vice-rei da India ingleza, lord Ripon, é catholico, e abandonou completamente a maçonaria da qual fora grão mestre quando protestante.

Diz a *Englishman* que o ministro da Egreja Unionista em Simla tem desistido de orar pelo Vice-Rei. O nobre marquez porem, é que não lhe irá pedir a continuação do favor, cremos nós.

Alem das numerosissimas demissões de advogados geraes e delegados da republica, para não tomarem parte na execução dos iniquos decretos de 29 de março contra as ordens religiosas em França, além das 2000 adhesões de advogados á consulta relativa aos ditos decretos, protestaram contra elles todos os cardeaes, arcebispos e bispos francezes e pode dizer-se que todos os ecclesiasticos do antigo reino christianissimo. Este perfeito accordo entre o clero regular e o secular tem sido uma completa decepção para os calculos do ministerio e das esquerdas. Os inimigos das ordens religiosas ficaram admirados d'esta união, que além d'outros resultados, produz o de contrariar as suas combinações e transtornar os seus planos. Agora fazem elles a voz grossa para espancar o medo e o remorso, mas sabe Deus o que lá vae por dentro!

Como de costume, estamos de pleno accordo com o nosso presado collega da *Ordem* nos dous trechos que em seguida transcrevemos:

«Continuam os nossos *illuminados*, á falta de assumpto em que matem o tempo, a pensar que a patria tem muitas dividas a pagar aos seus heroes (do deficit não se lembram elles), e que o melhor meio de as pagar é erigir monumentos, que perpetuem *in æternum* a sua memoria.

Lembraram-se ha pouco alguns d'elles do que a patria deve a Alexandre Herculano, e que não eram bastantes as suas obras para o não tornarem esquecido, e eis que se levanta toda a *santa irmandade* (dos *illuminados*, entende-se)

a cantar em côro que é necessario pôr mãos à obra.

Com effeito já em Lisboa, por iniciativa da Camara Municipal, se formou uma grande commissão, composta de *figurdões*, a fim de tractarem do assumpto.

A principio divergiam as opiniões acerca do modo como devia ser feita a perpetuação, mas afinal resolveram trasladar as cinzas do historiador para o mosteiro de Belem e no claustro do mesmo erigir-lhes soberbo mausoleo.

A commissão já tem adquirido valiosas quantias, e é d'esperar que em breve tenhamos procissão de Valle de Lobos até Belem. Não faltarão *irmãos* a acompanharem o prestito, e o hereje terá de novo honras funebres e a religião será novamente vilipendiada!

Diz a *Actualidade*, jornal liberal-republicano do Porto, que acabam de sair d'aquella cidade em direcção á Africa os snrs. Pagge e Wissemann, «encarregados pela sociedade de geographia de Berlim e pelo governo allemão de fazerem uma exploração scientifica na Africa central. Pelo snr. ministro da marinha foram feitas as mais instantes recommendações a todas as auctoridades actualmente no continente africano para que os dois exploradores recebessem alli o melhor acolhimento possivel e para que lhe fossem dispensados todos os auxilios que requisitassem.»

Muito bem, é conveniente maneira de receber hospedes, e dá honra ao paiz.

Mas, perguntamos: Porque assim se tratam uns «protestantes allemães» e se expulsam e pede a morte de imaginarios jesuitas? Estes não teriam jus como aquelles á nossa hospitalidade?

E' que nos nossos governos está mais ajustado a seus procederes e principios a perseguição aos bons, e protecção aos maus.

Mais. O governo recommenda e protege *exploradores estrangeiros* na nossa Africa, mas não quer nem ouvir fallar em *missionarios regulares portuguezes*!

Que patriotismo! que governo! e que vergonha quasi inacreditavel! Mas é real como um facto. Fique archivado.»

UM VIMARANENSE.

Secção litteraria

A SOTAINA

Acabo de lêr um artigo que uma das mais importantes revistas d'Hispanha publicou, e que tem por titulo a *sotaina*. Tão cheio de interesse o achei que não pude furtar-me ao desejo de traduzil-o para a lingua de Vieira e offere-

cel-o aos leitores do *Progresso Catholico*.

O seu illustrado e piedoso auctor soube com effeito reunir todos quantos titulos podem fazer da sotaina um objecto de amor e veneração para os catholicos, de odio e aversão para os impios, e para todos os inimigos de Deus, e de todo o bem. Por esse motivo entendi que fazia bem traduzindo-o em linguagem portugueza, afim de tornalo conhecido dos nossos conterraneos; porque não estou longe de crêr, que o nosso paiz, outr'ora tão catholico, hoje é talvez—é com certeza—o paiz onde a Egreja está soffrendo mais, e consequentemente onde a sotaina é menos reverenciada pelo povo, menos estimada pelos proprios ecclesiasticos, e mais odiada pelos impios, e por todos os homens máos. Portugal é o unico paiz, segundo creio, onde os padres (ha excepções, ainda bem) se envergonham de apparecer em publico vestidos com a sua batinha! Porque será? Todos sabem as causas para que seja necessario reproduzil-as aqui.

Leiam pois e reloliam uma e muitas vezes as palavras do illustrado auctor do artigo que lhes offereço, porque, fiquem convencidos d'isso, ellas são dotadas de tal força, que só por si bastam para nos fazer calcar aos pés o medo e respeito humano, e para nos fazer sentir, ao vestir a sotaina, maior timbre do que sentem o militar e os altos funcionarios ao envergarem suas fardas. Essas palavras pronunciadas por um nosso amigo, collega, e irmão gravemol-as profundamente em nossos corações, para que sempre e em todo o logar amemos e veneremos a sotaina, e desprezemos os insultos e sarcasmos que os impios por causa d'ella nos dirigirem, e nos consideremos honrados ao vestil-a, e o que é mais, para que desejemos a ventura de, extendidos no leito da morte abraçarmos e beijarmos com a maxima veneração a companheira dos nossos trabalhos, a testemunha dos nossos suores, aquella que tanto nos exaltou e ennobreceu, que tanto concorreu para a formação do nosso coração, para o progresso da nossa piedade, e para a conservação dos nossos costumes.

Eis o artigo:

«Em 24 usavam-na ainda todos os estudantes, hoje é traje exclusivo dos sacerdotes, e além d'isso bandeira de resistencia contra a impiedade.

A sotaina é estreita como o caminho do ceu, como os votos pronunciados por aquelle que a veste; cobre todo o corpo para indicar que toda a vida, todo o movimento do que a veste, está consagrado ao ministerio que exerce; é negra como signal de luto constante por Aquelle que morreu na cruz e de dó continuo pelos peccadores, como pregão

de que quem vive dentro d'ella morreu para o mundo, e vive só a vida do amor divino, do sacrificio por seus semelhantes.

Os inimigos do Catholicismo odêam-na porque a negra côr da sotaina recorda-lhes o intimo de sua consciencia.

Os politicos desprezam-na porque é d'uma mesma côr por todos os lados, e não tom volta como as casacas que elles usam, e não podem fazel-a mudar de côr.

Uma sotaina é sempre um sacco de verdades, e muitos ha que não querem vel-as sahir do sacco.

E' uma ameaça constante para os que não possuem paz de consciencia.

Ha muitos ignorantes que não a podem ver, porque a côr negra os incommoda.

Os philosophos de pacotinho detestam-na porque procuram a verdade em todas as partes, menos nas prezas d'ella, que as recebe do alto, grandes e sublimes, ao passo que elles as procuram no lodo.

A sotaina tem a forma de uma mortalha, como se quizesse recordar-nos que sempre devemos estar preparados para o supremo transe da morte. E' esta uma recordação pouco grata aos que se hão esquecido de Deus, aos que temem o fatal momento, porque não temem as suas contas bem ajustadas.

Um homem que lueta no mundo por adquirir uma fortuna, arruinando os outros, vendendo sua consciencia, e sua honra, ao ver uma sotaina não pode deixar de exclamar: *nada ha mais negro.*

As duas côres onde sobresahem mais vivamente as manchas são, o branco e o negro; por isso uma falta qualquer n'um sacerdote attrahe muito mais a attenção de todos; é porque cahin sobre a sotaina. E' por isso tambem que os inimigos da Egreja fazem inauditos esforços para arrojjar lodo contra as sotainas, atim de poderem mostrar-as manchadas; mas só desconhecem que é esse o alvo da calunnia os perversos e insensatos.

Para os pobres e moribundos o negro da sotaina é mais claro do que a luz.

Os sepulchros cheios de podridão, de que falla o Evangelho, estavam branqueados por fóra; eram nuvens de luz cheias de sombras de morte ao passo que a sotaina pode parecer uma sombra; mas ella guarda sempre a luz divina, de vida eterna.

Um politico que muda de casaca é um homem leviano; mas a quem ninguém repelle.

Um sacerdote que troca a sotaina pelo habito de outra religião é um apostata, cujo contacto todos detestam.

Para se dizer que um homem mudou de opinião, costuma dizer-se que mudou de casaca.

A sotaina nunca se muda, é sempre a mesma, egual torna, egual côr, imutavel como a Egreja de Deus.

Um padre sem sotaina é como um rei sem sceptro; parece que diminue a sua auctoridade.

Um padre pode sahir de casa, viajar ou fazer visitas vestido á secular; podem para todas as funcções do seu sagrado ministerio, não lhe é possível prescindir da sotaina.

E, observa-o, quando vedes um sacerdote sem sotaina, parece-vos que lhe falta alguma cousa.

Os impios e os maus quereriam que os sacerdotes vestissem como os demais para não verem a ameaçadora sotaina, creio que até muitos d'elles não fallariam tanto nem tão mal dos padres se não fosse o traje.

Por isso sympathisam mais com os clerigos que trajam á secular.

Fazei que passe um sacerdote por entre as agitações de um motim, e a primeira cousa que farão os amotinados será rasgar seu vestido. Se passar por entre os bramidos de um levantamento outro sacerdote sem habitos ainda que todos lhe vejam o cabeção poderá estar mais seguro de não ser ultrajado.

Os ministros das seitas são mais bem-quistos pelos livres pensadores, porque veem n'elles os seus proprios defeitos e sobretudo porque não trazem sotaina.

A sotaina é hoje a encarnação mais viva do odio dos sectarios, como é tambem o objecto mais amado dos catholicos.

Porem muitos que não querem ver uma sotaina na rua, vel-a-hão com summo prazer á cabeceira de seu leito nos ultimos momentos.

Carece-se de valor para pelejar por entre os escombros d'uma trincheira, e n'estes tempos de lueta atroz não é elle menos preciso para vestir o traje dos ministros de Deus.

Disse a principio que a sotaina era estreita porque é ella que cinge o sacerdote; ao contrario a capa é larga indicando com isto que serve para abrigar a todos os peccadores.

Ante o brilhante uniforme d'um general, carregado de condecorações, desperta-se a nossa curiosidade; ante uma sotaina muito usada e pobre curva-se de respeito a nossa frente.

As cruces, as commendas, os galões dourados fallam-nos da gloria do mundo.

A negra tela da sotaina recorda-nos sempre a gloria do ceu.

Se os reis, e imperadores da terra se reunissem em volta de nosso leito mortuario honrar-nos-hiam muito; mas não nos serviriam de nada. DEUS ME DEIXE VER UMA SOTAINA N'AQUELLE TRANSE.

O traductor — BENEVENUTO DE SOUZA.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO III

Um assassinato de Nero

(Continuação)

Sabino, levantando a mão e pondo-a sobre a cabeça do filho, disse ao sacerdote:

—O Baptismo! Padre, baptisai-o tambem. Immediatamente o sacerdote deixou cahir e correr sobre a cabeça de Victor algumas gottas d'agua, que se misturaram com as lagrimas do menino, em quanto que elle pronunciava a forma do baptismo.

Então a fronte do moribundo illuminou-se com o fulgor da alegria, e do seu peito irrompeu um suspiro: foi o ultimo.

Antes de expirar, porém, fazendo um esforço supremo, pôde segredar ao ouvido do seu amigo estas solemnes palavras:

—Ahi te fica meu filho; serve-lhe de pae e faz d'elle um bom christão... Mais tarde diz-lhe que morri pela fé, e que elle deve viver e morrer por ella... O Senhor te recompensará um dia esta caridade.

Calou-se, e quando Marcello voltou vê-lo, era já cadaver.

No dia seguinte espalhou-se por toda Roma a noticia de que Flavio Sabino havia sido assassinado de noite por um desconhecido.

A falta de parentes proximos nomearam Publio Lucio tutor de Victor a cujo nome se acrescentou o de Britanico para lembrar a patria de sua mãe.

Em quanto a Marcello, poucos mezes depois da morte do seu amigo, accusaram-no falsamente de conspirar contra Nero e morreu decapitado.

Victor Britanico ficou orphão quando apenas contava sete annos de idade. Mas lá do céu, seu pae, martyr de Jesus Christo velava sobre este menino predestinado.

CAPITULO IV

Um Sibarita Romano

Depois dos ultimos successos, que acabamos de referir, já têm decorrido vinte annos: vinte annos de abatimento e de escravidão para Roma, pois a grande capital, opprimida por Nero, não havia deixado de atolar-se cada vez mais em sangue e lodo.

Só teve uma occasião, em que pôde

vislumbiar uma esperança, foi quando morreu o imperador.

Chegou, effectivamente, para este monstro a ultima hora, e com ella a ultima prova da sua cobardia.

Depois de ter mandado matar sua mãe, sua esposa, Octavio, Antonia, Britannico, os filhos de Claudio e, para não apresentar aqui uma lista quasi interminavel, todos os mais nobres e ricos patricios, a fim de precaver-se de suas ciladas reaes ou felicias, que o traziam de continuo amedrontado, e tambem para locupletar-se com seus despojos; depois de ter inundado Roma com o sangue dos Christãos; depois de ter alardeado por todo o imperio seu luxo, sua vaidade e sua corrupção; depois de se ter arrogado a necia pretensão de cantor e de poeta; depois de ter pedido sua apothese para que lhe rendessem honras divinas, chegou afinal a malfadada hora em que Nero se viu surpreendido e destronado por conspiradores que elegeram e elevaram ao throno a Galba.

Autes de morrer estavam-lhe reservadas todas as amarguras da ignominia.

Ao certificar-se dos projectos, que faziam os conspiradores, quiz atirar-se ao Tibre. Mas hesitou e teve medo e preferiu refugiar-se n'um lugar occulto. Paon, seu liberto, offereceu-lhe sua casa, distante da cidade. Quando lhe trouxeram a triste nova estava descalço e em tunica, ou como vulgarmente hoje se diz em trajes menores; lançou, porém, logo mão d'uma *penula*, isto é, d'um capote com capuz, de cor escura: para que não o conhecessem cobriu com um lenço o rosto, montou a cavallo e safou-se, acompanhado sómente de quatro homens.

Logo que chegaram ao sitio em que deviam deixar a estrada, Nero e sua pequena comitiva teve de apeiar-se, e mettendo-se por entre canaviaes pôde chegar, não sem grande custo, até á taipa que circuitava as trazeiras d'aquella casa de campo. Alli descansou um pouco, bebeu, soccorrendo-se das mãos um pouco d'agua do mar e disse: O que chegou a beber Nero! Depois tirou a *penula*, rasgada pelos espinhos e esgalhos, e entrando de gatinhas n'uma estreita mina, que pouco antes se havia cavado (expição divina! Nero n'outro genero de calacumbas!), chegou como um reptil a um sitio um pouco mais largo, e n'esta especie de cella subterranea e escura permaneceu occulto.

(Continúa).

Secção para rir

E' como lhes digo, sim senhores, *secção para rir*. E então que tem lá isso? Se se escandalisam, perco as estribeiras e chamo-lhes phariseus de má

morte. Pois saibam que vamos inaugurar no proximo numero esta interessante secção que faltava ao programma d'um jornal religioso, tal qual o entendemos, tal qual o vemos exemplificado nos excellentes periodicos allemães catholicos.

Para que ha-de ser tão serio, tão Catão ou tão caturra o jornalismo religioso entre nós? Pois não p-de ser soldado da Igreja, sem se apresentar gravemente emparedado e agolilhado dentro do antigo gorjal dos tempos gothicos? Torneimos o jornal atrahente pela sua variedade e amenidade, não o tornemos repulsivo pela sua gravidade e aridez. Confeitemos o melhor possivel o medicamento salutar, mas um tanto adstringente.

Porque razão não nos será permitido rir e fazer rir os leitores? Os amigos de Deus tem mais motivo para folgar e dilatar o baço que os que o não são, e demais, a vida é uma coisa tão positivamente seria, que não é fora de proposito condimental-a com algumas pitadas de boa e franca hilaridade.

Ainda quando ás vezes se lhe carregue um pouco demais a mão, não faz mal. E' pagamento adiantado para outras vezes em que a veia do riso parece secar-se de todo.

Serio, serio, o homem precisa de rir. A sizudeza constante seria uma dieta exagerada, com que o nosso espirito não poderia. Ahí está um aphorismo de truz, a que o leitor, qualquer que seja, responderá lá consigo - *«muito bem.»* Obrigado, obrigado; não nos façam abaixar os olhos, porque aliás não podemos continuar.

Já que me metti d'esta vez a «Platão polichinello» vão mais umas palavrinhas para os difficeis de convencer. Sempre lhes direi que o riso, ou o sorriso (para não arrufar os mysticos) é um dos caracteres distinctivos da humanidade, um dos titulos da sua superioridade zoologica, porque nenhum animal ri, a não ser o homem.

E até, cousa notavel! quanto mais serio é o animal, mais estúpido. Querem exemplos? já assomam na imaginação dos que me leem umas certas orolhas de metro, sem que seja preciso puxal-as até ao papel.

Deixe atrophiar quem quizer o musculo do bom humor, eu não. *Deu-m'o Deus;* ponho-o a render. *O Progresso Catholico* continuará a ser Catão, mas ao cabo da palestra seria descalçar o alto cathurno, descerá ao patim, assentar-se-ha, como um bom velho contador de anedoctas, ao poial da sua porta e irá desfiando ao amigo leitor alguns d'esses cazos que illustram a immensa comedia humana.

Quem os quizer ouvir, que os ouça, quem não quizer, contente-se com as

prelecções graves e retire-se em boa hora, que ninguem lhe pega.

Porém sabem que mais? Ou eu me engano redondamente, ou será esta uma secção do jornal que os leitores nunca passarão por alto, passem embora todas as outras. *Te novi, nativá.*

Basta de explicações. Deixo-os a Momus, elle que os entretenha.

S. F.

Suprimimos a SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA para dar cabida á nova SECÇÃO PARA RIR, mas indemnizamos os nossos assignantes porque com o proximo numero será distribuido o 1.º numero da GAZETA DO BIBLIOPHILO, que vamos publicar mensalmente e que será distribuida GRATIS a todos os assignantes do PROGRESSO CATHOLICO.

E' este o melhoramento que por quanto podemos introduzir.

Retrospecto da quinzena

Até que emfim!

O comicio anti-jesuitico, ha tanto tempo anunciado e com tanta ancia esperado pelos amigos das *liberdades* patrias, realisou-se afinal no dia 17 do corrente sob o tecto musical do theatro de S. João, que estava literalmente cheio, (o jornal d'onde tiramos a noticia não diz de que) vendo-se nos camarotes muitas senhoras!

Fora chamado para fazer as despesas da festa (de palavriado, já se entende) o snr. Dr. Alexandre Braga, que fallou por espaço de *duas horas e um quarto*. O *notabilissimo* tribuno, á mingoa de assumpto para entreter o *respeitavel* publico, fallou do irmão, d'aquelle Guilherme Braga, que se tornou notavel nos cavacos dos botequins e pela maneira rara como adormecia sobre a mesa do jogo, depois de ter gasto a noite e os ultimos *cobres* com que havia comprar o almoço dos filhos e da mulher no dia seguinte.

E depois de fallar do *mano* recitou uns versos do dito, pelo que houve de merecer muitos *bravos*, sem ser dos do Mindello.

Em segundo logar, porque em primeiro está a familia, fallou da milicia negra, e mostrou-a em toda a parte: nos collegios, nas egrejas, nos hospitaes, e... em parte nenhuma, porque, depois de a mostrar em tantas partes perguntou: Onde estão os jesuitas?

Fallou de muita cousa, mostrou os jesuitas culpados de todas as desgraças da patria, não se esquecendo de attribuir

aos jesuitas a fome e a miseria que sofreu Camões!

Que portento em historia!

E mais o snr. Dr. Alexandre Braga só apontou as desgraças que a humanidade causaram os jesuitas nos tempos modernos; que não diria elle se desenrolasse o triste sudario das hummas deslitas causadas pela milicia negra desde que o nosso primeiro pae (dos catholicos, que dos Bragas foi um macaco barbudo) foram tentado no Paraizo até a época onde principiou o snr. Dr. Braga a sua narração?

Sim senhores; já no Paraizo foram os jesuitas que causaram a ruina da humanidade, e depois, desde então, sempre elles, sempre os jesuitas!

Lembramos ao *notabilissimo tribuno*, para quando voltir a fallar dos jesuitas, uns versos que veem a paginas 272 da *Muçonaria desmascarada*, que devem produzir um effeito admiravel no auditorio liberal. Dizem assim:

•Eva deu credula ao marido credulo
O fatal pomo; mas se bom moditas,
Feitos serpentes se enroscaram n'arvore
Os jesuitas.

No justo Abel ferra o irmão mais velho
Mortal paulada com as mãos malditas:
Sabes quem deu o liberal conselho?
Os jesuitas.

O mundo alagam turbilhões nudisonos:
Oh! ceos! essa arca dos bons Nonchitas
Guarda os auctores do diluvio incolumes
Os jesuitas.

O bello Egypto quem o inçou de pragas,
Para ir transpondo com os israelitas
A pé enxuto do Mar-Roxo as vagas?
Os jesuitas.

—Sansão, accorda (diz traíadora Dalila);
Tão desonhoso, meu Sansão, dormitaa!
—Estou pellado!—Pois então? Pellaram-te
Os jesuitas.

Se s. ex.^a recita estes versos em pleno theatro, que palmas, que bravos, que nil trapalhadas não alcançaria?

Não se esqueceu o orador de elogiar o marquez de Pombal. Podéra! Não havia um liberal de elogiar o primeiro liberal d'estes reinos!

Dizem-nos que o discurso vae ser posto em livro, e por tanto resta-nos a alegre consolação de podermos dormir sobre elle, como um collega nosso do Porto diz que o respeitavel publico dormia ao escutal-o.

Venha mais esse monumento da litteratura patria. Quando tivermos noticia de que elle chega havemos de o mandar conduzir da estação do correio para o nosso escriptorio por um côro de virgens, trajando roupagem de nevada alvura, e distendendo por sobre ellas douzadas madeixas. Cantarão a *Marselheza* e mil outras cantigas.

Ha-de ser uma festa digna do livro.

E no fim, para seguir em tudo os no-

bres sentimentos dos liberaes portuenses faremos um peditorio para os veteranos da *liberdade*, que foi tambem por onde findou o spectaculo dado no theatro de S. João no dia 17 de abril de 1881.

As festas às dores de Nossa Senhora, foram feitas em todo o paiz com a pompa e esplendor devidos. Aqui, em Guimarães, foram feitas a expensas das damas, que mais uma vez mostraram a sua devoção para com Aquella que emballou em seus braços o Homem-Deus, que havia de dar-lhes a liberdade e o primeiro logar na sociedade, logar que hoje lhe quer tirar o snr. dr. Alexandre Braga e outros Bragas) concludando o sermão ao Ex.^{mo} Deão da Sé de Goa, P.^o Antonio Corrêa dos Reis Coelho, que se desempenhou de tal encargo como o sabe fazer o missionario encanecido nos trabalhos apostolicos.

Os officios da Semana Santa foram feitos este annò na egreja da Insigne e Real Collegiada com mais pompa ainda do que nos annos anteriores, apesar de se ir notando a falta de conegos. A concorrência foi espantosa na quinta e sexta-feira. Prêgou o sermão do enterro o illustrado orador bracaraense P.^o Velloso, e à noite prêgou o da Soledade, na egreja dos Santos Passos o P.^o Caldas, nosso amigo e collaborador do *Progresso Catholico*.

Esta tocante cerimonia da Soledade fôra resolvido fazer-se na vespera à noite, principiando a correr a noticia de bocca em bocca no dia seguinte depois do meio dia. Não obstante isto, e apesar do mau tempo, a egreja encherá-se litteralmente de gente. O P.^o Caldas soubera desenvolver maravilhosamente o quadro triste do Calvario depois da morte de Jesus, e tão bem o dis'endera ante o numerozo e escolhido auditorio, que por vezes o commovera.

Findára o sermão às dez horas da noite, e a essa hora, desprezando a chuva que cahia, vimos numerosos grupos de senhoras percorrer os Passos, em devota Via-Sacra.

Parabens, virtuosas Ilhas de Guimarães, que assim daes publico testemunho dos vossos sentimentos catholicos, que assim vos manifestaes contra as ideias do seculo, contra esses miseraveis que vos fallam em Jesus, mas que se riem das vossas orações; que vos fallam na familia, mas que vivem nos lupanares. Continuae e os raios da graça divina continuarão tambem a illuminar-vos a frente.

Os catholicos não se querem convencer de que as más doutrinas, espalhadas pelo jornalismo impio, vão infiltrando ideias no espirito do povo que bom era se não deixassem crear raizes, porque depois será tardio o remedio. E o meio é retirar todo o auxilio a esse journalis-

mo que, dizendo-se liberal, advoga a ruina da sociedade.

São creados n'essas escolas os *meninos* que praticaram o seguinte que nos contam os jornaes de Lisboa:

«—Sexta-feira à noute, deu-se na egreja dos Jeronymos, em Belem, um facto muito censuravel contra o qual se devem insurgir todos os homens sensatos e verdadeiramente liberaes.

Foi o caso que o prégador foi ali inconvenientemente desrespeitado e interrompido por varios sujeitos, que entenderam dever ir para a egreja fazer alarde das suas opiniões anti-catholicas e dar provas de que não respeitam nem as creanças dos outros nem o logar onde ellas se manifestam.

O padre foi de tal modo interrompido, que teve de descer do pulpito, sem concluir o sermão. Felizmente não teve outras consequencias o conflicto.

Na egreja de S. Nicolau tambem um prégador foi ouvido com menos respeito, havendo uma especie de pateada, susurro, etc. E' assim que os homens que se inculcam liberaes propagam a sua politica!»

E a mais das doutrinas espalhadas no corpo do jornal servem esses *luzeiros* para annunciar obras immoraes e contrarias à religião e à patria mesmo; obras onde tudo se mette a ridiculo.

Ha dias publicava o *incolor Diario de Noticias* o seguinte annuncio:

•FADO DA PADRALHADA

ILLUSTRADO POR BORDALLO PINHEIRO

CONTENDO O FADO DO PADRE PRIOR

(MUSICA PARA PIANO)

ORIGINAL DO MAESTRO ALVARENGA.

Já veem os catholicos para que servem os taes jornaes, portanto o remedio mais radical é tirar-lhes a protecção, recusar-lhes mesmo a modica quantia de dez reis.

Findamos com a seguinte lição dada a um Prefeito de Pariz, por uma irmã de caridade:

«O Prefeito de Pariz visitando ha pouco um hospital aonde estão as irmãs de caridade, disse apenas avistou um crucifixo, pendente da parede: «tirae d'alli aquelle justicado!» Ah! senhor Prefeito, acudiu a irmã toda consternada, *deixae-o estar porque elle nos ensina a perdoar injurias.*»

Não é má!

J. DE FREITAS.

Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes

Transporte..... 9\$125

De uma devota de Nossa Senhora de Lourdes..... 2\$250

Somma..... 11\$375